

we who are still alive are unreal in the eyes of the dead

W.G. Sebald, *Austerlitz* (2001: 185)

Dentro da prolífica carreira de Daniel Blaufuks existem temas / preocupações / obsessões que se evidenciam: a viagem, o exílio, a memória, a vida e a morte. Não obstante, o artista nunca se esquivou a explorar novas técnicas, formas ou até tecnologias. Em *Houve um tempo em que estávamos todos vivos* encontramos esta dupla natureza, um tema que facilmente remete para obras passadas, um formato que poderá ser visto como um salto (mas talvez até não o seja) nas explorações do artista.

Num regresso ao trabalho em vídeo, Blaufuks apresenta nesta exposição três visões simultâneas do interior da cúpula do Panteão em Roma. Com construção datada do final do reinado de Trajano (98-117) e o início do reinado de Adriano (117-138) o Panteão, como o nome indica, era a casa dos vários deuses do panteão Romano. Com a sua cúpula de caixotões, e o seu perfeito equilíbrio entre esfera (cúpula), cilindro (rotunda) e cubo (vestíbulo com segunda elevação), o Panteão é um feito arquitetónico que sobrevive ainda hoje. Não apenas isso, sobrevive enquanto lugar de culto. O óculo central aberto aos céus, a única fonte de luz no edifício, convida os visitantes ao espaço interior. Através dele é permitida entrada a vento e chuva, mas é o sol que tem primazia. O seu movimento diário transforma o interior do Panteão enfatizando ora um nicho ora outro, porém é apenas ao meio-dia de 21 de Abril, dia de aniversário da cidade de Roma, que a entrada do templo é iluminada. Blaufuks examina em *Houve um tempo em que estávamos todos vivos* esta transitoriedade ao filmar e fotografar apenas o interior da cúpula, eliminando qualquer outra referência temporal. O foco é o óculo e é este o ponto no qual todos os efeitos visuais, por vezes extremos, estarão centrados.

Houve um tempo em que estávamos todos vivos parte de uma frase colhida num sonho do artista durante uma sua estadia em Roma, após visitas repetidas ao Panteão, sonho esse em que a fronteira entre a vida e a morte se fazia ténue. Talvez não seja surpreendente a associação que Blaufuks faz do Panteão com a morte ao apresentar uma frase que define esta última pelo seu oposto: pelo momento em que todos estavam vivos. Com a transição para o Cristianismo e o abandono dos antigos deuses, o Panteão foi doado em 609 ao Papa Bonifácio IV, que o dedicou à Virgem Maria e aos Mártires. Aqui seriam mais tarde sepultados ilustres como o pintor Rafael em 1520, exemplo posteriormente seguido com a criação dos diversos panteões nacionais. A fronteira explorada por Blaufuks entre vida e morte no espaço que é o son(h)o poderá também remeter-nos para outros momentos de transição, para outros projectos. Em *Terezín* (2007), o artista apropria-se dos poucos excertos sobreviventes do filme de propaganda Nazi realizado em Theresienstadt, tingindo-os a vermelho e desacelerando-os. O efeito produzido é tal que as figuras, com a tensão dos seus movimentos enfatizada, tornam-se espectros. Também aqui houve um momento em que todos estavam vivos, no instante anterior àquele definido por Roland Barthes em que o espectador se apercebe de que estas pessoas estão mortas e vão morrer.

Não será apenas na temática que alguns paralelos poderão ser encontrados entre projectos passados e o novo trabalho apresentado em *Houve um tempo em que estávamos todos vivos*. Também a nível formal, com a sua exploração de limites visuais e fílmicos, poderemos encontrar afinidades. No entanto, a obra que Daniel Blaufuks agora nos apresenta será talvez das mais visualmente experimentais do artista. Composto por três painéis fotográficos e três projecções de vídeo, simultâneas e síncronas, da mesma sequência, verificamos uma abstracção do interior da cúpula do Panteão. Numa das projecções deparamo-nos com os tons naturais da pedra e do cimento iluminado. Este não é um plano fixo: a câmara move-se, a imagem divide-se em rotações e volta a unir-se como se de um caleidoscópio se tratasse. Estes movimentos repetem-se nas outras duas projecções, desta vez a preto e branco e em inversão de cores. Através destas técnicas o espaço côncavo da cúpula parece sofrer um achatamento, os caixotões estão agora a um mesmo nível, assemelhando-se mais aos nichos encontrados em columbários do que a elementos decorativos. Ao mesmo tempo, as rotações contribuem para um efeito de desorientação, amplificado pelo som que acompanha os vídeos. Apesar de ter sido capturado por Blaufuks durante as suas visitas ao Panteão e tratar-se do ruído produzido pela massa de turistas que por aqui passa, através do tratamento que o artista lhe dá o som deixa de assemelhar-se a algo orgânico, aproximando-se sim de um zumbido mecânico.

Também no conjunto fotográfico verificamos a utilização de técnicas fotográficas exageradas: o grão marcado, a inversão de cores, o preto e branco contrastante. Centrando-se no óculo, cada painel é composto por uma sequência fotográfica que reflete as variações de luz geradas pela movimentação solar. Assim, o efeito produzido aproxima-se do de um relógio solar. É talvez aqui, com o regresso aos astros, que o projecto de Blaufuks mais se relacione com o desígnio original do Panteão enquanto ligação da terra aos céus; enquanto espaço onde a vida e a morte se mesclam.

Sandra Camacho
(Centro de Estudos Comparatistas - FLUL)

HOUVE UM TEMPO EM QUE ESTÁVAMOS TODOS VIVOS Daniel Blaufuks

De 19 de Abril a 19 de Maio 2018
INAUGURAÇÃO 19 de Abril 18h-21h

Exposição individual

Vídeo-instalação e fotografia

CARLOS CARVALHO ARTE CONTEMPORÂNEA
Rua Joly Braga Santos, Lote F R/C
1600 - 123 Lisboa Portugal
Seg - Sex 10h00 - 19:30 | Sáb 12h00 - 19:30